

O PRECONCEITO LINGUÍSTICO VAI A ESCOLA: REFLEXÕES SOBRE A PRÁTICA DOCENTE

Autor (Jéssina Jussara De Freitas Felipe); Co-autor (Cynthia Maria Porfirio Das Neves); Orientador (Diná Souza da Silva)

¹Graduanda do Curso de Língua Portuguesa e Resp. Literatura da Faculdade de Educação, Ciências e Letras de Iguatu - FECLI/UECE, E-mail: jessina.jussara@aluno.uece.br

²Graduanda do Curso de Língua Portuguesa e Resp. Literatura da Faculdade de Educação, Ciências e Letras de Iguatu - FECLI/UECE, E-mail: cynthia.neves@aluno.uece.br

³Professora do Curso de Língua Portuguesa e Resp. Literatura da Faculdade de Educação, Ciências e Letras de Iguatu - FECLI/UECE, E-mail: dina.silva@uece.br

Introdução:

Em todo o país existem diversas formas de falar, se você é do nordeste e vai pro sul do país vai perceber essa diferença linguística que é o que chamamos de variações, é muito comum o preconceito linguístico com nordestinos por conta de seu sotaque arrastado que é diferente do sotaque do sul, mas é importante que deixemos claro que todas as formas de falar estão certas, de acordo com sua realidade, com sua região e seus costumes.

Dando início com a significação do que seria um preconceito, para podermos compreender com clareza esse evento que ocorre não só na linguística, mas em outros âmbitos sociais, o preconceito segundo a visão do filósofo alemão Hans-Georg Gadamar¹ (1988) é, “preconceito significa um julgamento que é formado antes que todos os elementos que determinam uma situação tenham sido examinados”.

Há vários pontos que insistem em levar a grande maioria dos brasileiros, mesmo que involuntariamente, cometer preconceito linguístico de alguma forma. Uma dessas causas e aparentemente a principal é a gramática normativa aplicada nas escolas como verdade absoluta e a crença de que tudo diferente desse modelo é errado e grotesco. E é extremamente injusto viver essa realidade em um país que possui uma extensa variedade cultural nascida da miscigenação, onde há uma gritante diferença na fala e no comportamento desses diversos povos que se propagaram em cada estado brasileiro, mas isso não é nenhum pouco negativo, ao passo contrário da nossa grande preocupação contemporânea que é a forma como estão tratando –ou destrutando- essas variações.

Com isso, a nossa pesquisa procura reforçar cada vez mais que nenhuma variação é inferior ou superior e busca esclarecer algumas dúvidas de porque isso acontece e como acontece e a maneira como ainda reflete nas escolas. Assim fazer com que as pessoas tomem conhecimento e entendam a constante evolução da língua e por fim acabar com a reprodução desse conceito prévio, como diz a definição acima o preconceito, que mesmo antiga, ainda se aplica nos dias atuais.

O problema nas definições de variação padrão e não padrão.

Para entendermos mais sobre algumas questões que vamos pontuar no decorrer do artigo, é importante dá início às discussões falando sobre a forma como é definida a linguagem padrão e não padrão, como uma é diferenciada da outra e como isso também carrega certa culpa no preconceito linguístico vigente em nossas escolas e sociedade.

Em linhas gerais, o que nos é passado desde cedo nas escolas e na vida é que a variação padrão é aquela que diz respeito à norma culta, a gramática tradicional, que tem o maior zelo ao pronunciar corretamente, usando todas as regrinhas aprendidas na matéria de português-gramática. Geralmente é essa variação que é utilizada dentro de meios sociais mais privilegiados politicamente, culturalmente e economicamente.

Do contrário, a titulada não padrão representa mais a linguagem coloquial, a espontaneidade, é aquela utilizada em momentos mais informais, onde há certa negligência para com o as normas gramaticais. Se pararmos para analisar, na maioria das vezes essa definição pode transmitir esse preconceito ao qual estamos evitando, quando, por exemplo, coloca em palavras o sotaque de alguma região e usam como exemplo de linguagem “não padrão” isso só porque não está nos trilhos da gramática normativa, como podemos ver no quadro abaixo, utilizado em página de português para exemplificar a pronuncia padrão e não padrão.

VARIEDADE PADRÃO	VARIEDADE NÃO PADRÃO
Maior preocupação com a pronúncia: <i>nós, vocês, está bom, não quer, não vou, para, está.</i>	Pronúncia simplificada de palavras e expressões: <i>nóis, oceis, tá bão, num vô, tá, pra.</i>

FONTE: <http://joanaguga.blogspot.com.br/2015/03/variedade-padrao-x-variedade-nao-padrao.html>

O problema nessas definições está em elas serem reproduzidas de forma linear, isto é, sem analisar que dentro dessas variações existem várias outras ramificações como a classe social do indivíduo, seu lugar no país e com isso todo desenvolvimento e cultura que existe em torno de determinada variação. Marcos Bagno nos mostra onde este preconceito pode estar inserida e como ele é reproduzido nas escolas, uma das muitas raízes desse preconceito para com as variações.

Um pouco da raiz do preconceito linguístico.

Marcos Bagno produziu um livro teórico titulado “Preconceito linguístico, o que é, como se faz” publicado pela primeira vez em 1999. Apesar do ano em que ele foi produzido, podemos perceber que ainda continuamos com os mesmos problemas no que diz respeito ao uso da língua.

Bagno marca três pontos importantes que pode ser um dos motivos pelo qual o preconceito linguístico ainda existe que é a gramática tradicional, os métodos tradicionais de ensino e os livros didáticos são considerados por ele a trindade que provoca tal evento.

Como é que se forma esse círculo? Assim: a gramática tradicional inspira a prática de ensino, que por sua vez provoca o surgimento da indústria do livro didático, cujos autores — fechando o círculo — recorrem à gramática tradicional como fonte de concepções e teorias sobre a língua.

Embora o crescimento das discussões sobre a língua e suas variações embora estejam cada vez mais em evidências, este ciclo apresentado pelo autor ainda é bastante atual. No ponto a seguir mostraremos um pouco da nossa vivência como bolsista de iniciação a docência, onde podemos ver que essas questões ainda são bastante recentes.

As vivências em salas de aula proporcionadas pelo PIBID

As consequências dessa tríade apontada por Bagno no seu livro citado acima foram vivenciadas por nós bolsistas no programa de iniciação a docência, o PIBID. A turma que foi selecionada pela escola na qual iríamos trabalhar foi dividida em duas partes, uma com alunos da rede urbana e outra com alunos do município. A diferença entre esses dois grupos de alunos é que os alunos da zona rural apresentam bastante timidez e insegurança na hora de falar, eles não interagem na hora da aula e



dificilmente dão sua opinião a respeito de algo que está sendo lecionado. Sem contar na enorme carência de leitura e escrita. Como o nosso projeto trabalha bastante com aulas mais dinâmicas, podemos observar isso de perto com as nossas avaliações diagnósticas e é notável a diferença, tanto na participação como na fala.

O que notamos nos livros didáticos é que eles ainda continuam não abordando essas questões e pior ainda, fortalecendo a ideia de que a linguagem correta tem que está de acordo com a gramática normativa, negligenciando as variações e com isso, contribuindo pra ignorância da maioria perante culturas, sotaque e palavras que variam de região para região. Enquanto aulas, livros, plano de aula e professores não contribuírem para esse aprendizado, o preconceito linguístico ainda vai ser uma barreira onde alunos e cidadãos são constrangidos diariamente e vítima de piadas em nome da sua maneira de se comunicar. Para acabar com isso, selecionamos algumas ideias que podem ajudar na sala de aula a romper com o preconceito e ainda expandir o campo cultural dos alunos.

O ensino das variações com da psicodelia brasileira e outros estilos.

É necessário que busquemos um ensino mais dinâmico que faça com que os alunos alcancem um melhor nível de aprendizado, como defende a professora Maria Teresa Mantoan.

Uma escola se distingue por um ensino de qualidade, capaz de formar pessoas nos padrões requeridos por uma sociedade mais evoluída e humanitária, quando consegue aproximar os alunos entre si; tratar as disciplinas como meios de conhecer melhor o mundo e as pessoas que nos rodeiam; e ter como parceiras as famílias e a comunidade na elaboração e no cumprimento do projeto escolar. (MANTOAN, 2004, p. 62)

Nas nossas reuniões de planejamentos referentes às intervenções que aplicamos nas escolas, nós, bolsistas do PIBID, com a ajuda do livro de Mario Sérgio Cortella “Educação, escola e docência: novos tempos, novas atitudes” Onde ele faz diversas reflexões, procuramos a forma mais dinâmica de levar isso até os alunos, usando músicas pra discutir sobre assunto com eles, uma das músicas usadas foi Ai que saudade de ocê de Vital Farias que ficou famosa na voz de artistas como Elba Ramalho e Geraldo Azevedo e faz essa ligação com a psicodelia nordestina.

Faz tempo que não te vejo
Ai que saudade d'ocê

Se um dia ocê se lembrar
Escreva uma carta pra mim

(VITAL FARIAS, AI QUE SAUDADE DE OCÊ, 1982)

Usando a psicodelia brasileira para exemplificar a variação linguística dentro do nordeste, além desse principal motivo que é incentivar a conscientização acerca do preconceito, também tem o benefício de ampliar o campo cultural do aluno tendo em vista que esse momento da musica brasileira não é tão popular mas é bastante representativo em todo o Brasil.

Considerações finais:

Analisando todos os pontos colocados nesse artigo, podemos concluir e nos avaliar. O fim, ou pelo menos a conscientização no que diz respeito ao preconceito linguístico deve partir de nós, futuros professores ou professores já graduados – pois mesmo depois da formação, o aprendizado e a busca por conhecimento é algo constante na vida de todos os docentes- esse desejo de mudança tem que está ligado não só nas teorias em textos e sim, na prática, no nosso plano de aula, nos nosso planejamento de maneira resistente.

O lugar que mais podemos nos fortalecer para que essa mudança no ensino e, conseqüentemente, na sociedade, é em mais aulas dinâmicas e educativas e que fujam dos padrões de ensino, como foi colocado no tópico anterior. Musicas que possam expandir os campos de conhecimento dos alunos além de educa-los sobre as diversas variações e assim, ciclos viciosos como foi colocado por Bagno ou generalizações sobre variações formais e informais terão um fim, e toda variação será contemplada e, principalmente respeitada.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

¹GADAMER, Hans-Georg. Truth And Method. 2. Ed. New York: Continuum, 1988.

BIDERMAN, M. T. C. O Léxico, Testemunha De Uma Cultura. Actas Do XIX Congresso Internacional De Linguística E Filoxía Românicas. Universidade De Santiago De Compostela, 1989.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. Inclusão escolar. O que é? Por quê? Como fazer? São Paulo: Moderna, 2003.

BAGNO, Marcos. Preconceito linguístico: o que é? Como se faz? São Paulo: edições Loyola, 1999.

_____. A norma oculta: língua e poder na sociedade brasileira. São Paulo: Parábola, 2003.

_____. *A língua de Eulália: novela sociolingüística*, São Paulo: Contexto, 1997.

CORTELLA, Mário Sérgio. Educação, Escola e Docência: novos tempos, novas atitudes. São Paulo: Cortez, 2014.